

## **O QUE O LUGAR DE FALA QUER DIZER: (DES)CONSTRUÇÕES BOURDIEUSIANAS**

### ***WHAT THE PLACE OF SPEECH WANTS TO SAY: BOURDIEUSIAN (UN)CONSTRUCTIONS***

Camilla Atibaia Cestari  
Universidade Estadual de Londrina  
[camilla\\_atibaia@hotmail.com](mailto:camilla_atibaia@hotmail.com)  
Brasil

Rafael Borim-de-Souza  
Universidade Estadual de Londrina  
[borim@uel.br](mailto:borim@uel.br)  
Brasil

João Gabriel Dias dos Santos  
Universidade Estadual de Londrina  
[joagabrields@outlook.com](mailto:joagabrields@outlook.com)  
Brasil

Recebido: 16/8/2020 – Aprovado: 07/12/2020. Publicado em Janeiro de 2021.

Processo de Avaliação: Double Blind Review

## RESUMO

O termo “lugar de fala” se popularizou e potencializou no que se refere a autorização discursiva, refletindo em discussões nas mais diversas áreas e esferas sociais. Por meio de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, este ensaio teórico tem como objetivo de compreender o conceito de lugar de fala a partir da sociologia bourdieusiana. Discute-se a possibilidade de o discurso estar sendo apropriado de forma distorcida, além de apresentar uma ausência de cientificidade e uma epistemologia não definida. O sociólogo Pierre Bourdieu foi utilizado como apoio teórico para estabelecer relações de aproximação, distanciamento e uma possível semelhança com os pressupostos do lugar de fala a partir de quatro proposições entre os pensamentos de Ribeiro e Bourdieu. As considerações contribuíram para uma possível ruptura de um discurso hegemônico que impõe limites e barreiras para aqueles que podem ou não falar, bem como na construção de reflexões a respeito da comunicação nas relações e práticas sociais.

**Palavras-chave:** LUGAR DE FALA; DISCURSO; BOURDIEU.

## ABSTRACT

The term “place of speech” became popular and potentiated with regard to discursive authorization, reflecting in discussions in the most diverse areas and social spheres. Through a qualitative and bibliographic research, this theoretical essay aims to understand the concept of place of speech in Bourdieusian sociology. It discusses the possibility that the discourse is being appropriated in a distorted way, besides presenting an absence of scientificity and indefinite epistemology. The sociologist Pierre Bourdieu was used as a theoretical support to establish relations of proximity, distance and a possible similarity with the assumptions of the place of speech based on four propositions between the thoughts of Ribeiro and Bourdieu. The considerations contributed to a possible rupture of a hegemonic discourse that imposes limits and barriers for those who can or cannot speak, as well as for the construction of reflections on communication in social relations and practices.

**Keywords:** PLACE OF SPEECH; DISCOURSE; BOURDIEU.

## 1.INTRODUÇÃO

A obra “Lugar de Fala” (2017) escrita por Djamila Ribeiro reúne uma coletânea de pensadores que orientam o percurso para a compreensão de mecanismos que envolvem narrativas dominantes e outros aspectos da realidade social. As discussões a respeito do lugar de fala são recorrentes, contudo, o livro potencializou as discussões em nível político, acadêmico e, conseqüentemente, gerou efeitos em diversos âmbitos sociais.

A expressão “lugar de fala” trata de dispositivos relacionados à ampliação do direito de expressão, introduzindo esse debate para novos discursos, dando a visibilidade para aqueles que foram silenciados por estruturas hierarquizadas. “Com todos os limites, o espaço virtual tem sido um espaço de disputas de narrativas, pessoas de grupos historicamente discriminados

encontraram aí um lugar de existir” (RIBEIRO, 2017, p. 123). A militância em favor desse pensamento, também fora do espaço virtual, tem gerado uma discussão sobre quem “pode” ou “não” falar sobre um determinado assunto, principalmente àqueles que sofreram alguma distinção. Por exemplo, estas discussões no campo social levam a questionar se as pessoas brancas podem ou não falar de racismo, ou se os heterossexuais possuem ou não o lugar de fala para debater sobre homofobia, e assim por diante.

Esse pensamento cria novas visões e discursos, a partir de indivíduos e grupos que se apresentam numa mesma localização social. É defendido que esses indivíduos ou grupos que vivenciaram as mesmas oportunidades e direitos participam de uma demarcação que lhe concede a “autorização” para debater o assunto. Há uma delimitação imposta no discurso sobre assuntos específicos que envolvem a sociedade e as organizações, pois a demarcação está voltada para a localização social, experiências, hábitos e práticas dos grupos (RIBEIRO, 2017).

A sociologia bourdieusiana desenvolveu um método de conhecimento praxiológico, que busca explicar tanto a estruturação da sociedade quanto a produção pragmática do mundo social. Sugere-se que as demarcações do lugar de fala que delimitam um discurso podem ser analisadas segundo as contribuições de Pierre Bourdieu, para o qual as relações se encontram no espaço intermediário, entre o objetivo e o subjetivo. Sua perspectiva de compreensão da realidade transita entre o construtivismo estruturalista e o estruturalismo construtivista, posicionamento este que permite analisar a interdependência entre a estrutura e o agente e, vice-versa. A fim de entender como se dão essas relações, ele propôs o conceito de *habitus*, como um sistema de disposições socialmente construído, uma estrutura incorporada que representa o que cada indivíduo traz em si, é o *habitus* que produz as práticas individuais e coletivas (BOURDIEU, 2004b; BOURDIEU, 2009).

A indagação central para este ensaio teórico foi: “Como a sociologia bourdieusiana (des)constrói o conceito de lugar?” Buscou-se como objetivo principal analisar, a partir da sociologia bourdieusiana, (des)construções referentes ao conceito de lugar de fala. Para alcançar o objetivo proposto, o ensaio teórico reuniu os principais conceitos de Bourdieu e os pressupostos do pensamento de “lugar de fala” por Djamila Ribeiro. A centralidade do ensaio teórico está na reflexão e nos questionamentos a partir da dinâmica das relações estabelecidas entre o Lugar de Fala e a sociologia bourdieusiana.

## 2. PROBLEMATIZAÇÃO

O debate sobre “lugar de fala” está se mostrando como um dos temas mais controversos, afinal, todas as vozes têm direito a um discurso, independente da sua experiência e prática social ou há delimitações para quem pode ou não falar determinado assunto? Desta maneira, neste ensaio teórico foram desenvolvidas quatro proposições partindo de uma discussão do pensamento sobre “lugar de fala” com apoio teórico da sociologia bourdieusiana.

A sociologia bourdieusiana se pauta na relação dialética entre agência e estrutura. A estrutura está na ideia de instituições pré-estabelecidas, que existem independentemente da vontade dos indivíduos. A agência é representada pelos indivíduos que agem. Contudo, também deve ser considerado que as estruturas também desempenham domínio sobre as práticas dos indivíduos, mas também são as práticas que constituem e reproduzem as estruturas, logo, a agência e a estrutura de fato pressupõem-se uma à outra (BOURDIEU, 2004b).

O lugar de fala pode ser considerado um poder tanto de agência, quanto de estruturas que proclamam esse discurso. As inter-relações entre estrutura, agência e recursos são considerados dispositivos de interesse e de poder, os quais se utilizam do discurso para legitimar uma posição social (WRY; COBB; ALDRICH, 2013). Nota-se que o assunto “lugar de fala” vem sendo retratado de forma distorcida em debates no campo social e político, o que interfere nos estudos organizacionais. Limitam-se aqueles que podem ou não falar determinado assunto de acordo com a localização social ou a vivência social. Cabe ressaltar que a partir do que será proposto, o discurso que vem sendo proclamado a respeito do pensamento sobre o “lugar de fala” está em dissociação com o real propósito abordado por Djamila Ribeiro.

O *locus* social se refere à posição social ocupada por indivíduos na sociedade (RIBEIRO, 2017). Pode-se estabelecer uma relação entre esse termo com os conceitos de mundo social e espaço social na sociologia bourdieusiana. O mundo social é um espaço ocupado por agentes sociais com práticas individuais e coletivas em que esta posição determinará suas visões de mundo e interpretações sobre a realidade (BOURDIEU, 2009). Bourdieu (2004a, p. 153) relaciona o

[...] espaço social a um espaço geográfico no interior do qual se recortam regiões. Mas esse espaço é construído de tal maneira que, quanto mais próximos estiverem os grupos ou instituições ali situadas, mais propriedades eles terão em comum; quanto mais afastados, menos propriedades em comum eles terão. As distâncias espaciais no - papel - coincidem com as distâncias sociais. Isso não acontece no espaço real. Embora se observe praticamente em todos os lugares uma tendência para a segregação no espaço, as pessoas próximas no espaço social tendem a se encontrar próximas - por opção ou por força - no espaço geográfico, as pessoas muito afastadas no espaço social

podem se encontrar, entrar em interação, ao menos por um breve tempo e por intermitência, no espaço físico.

A linguagem para Bourdieu (2008) é uma técnica do corpo, onde representa toda a realidade do mundo social e toda a relação socialmente formada com o mundo. Os discursos são proferidos por meio de uma linguagem, “[...] os discursos não são apenas (a não ser excepcionalmente) signos destinados a serem compreendidos, decifrados; são também signos de riqueza a serem avaliados, apreciados, e signos de autoridade a serem acreditados e obedecidos” (BOURDIEU, 2008, p. 53).

Ademais, o discurso de autoridade possui a especificidade de ser reconhecido enquanto tal com efeito de exercer seu propósito (BOURDIEU, 2008). O “lugar de fala” se associa à metáfora daqueles que têm certo poder sobre outros nas organizações e, por consequência, são detentores de uma posição que os privilegia perante os outros. Nas organizações, indivíduos que ocupam posições de relevância e de destaque tendem a promulgar discursos com o intuito de angariar pessoas e recursos alinhados com seus interesses. Tomando conta desse lugar de destaque, acabam por silenciar vozes que ocupam posições inferiores numa escala de hierarquia organizacional (RIBEIRO, 2017; WESTWOOD; CLEGG, 2003).

A sociologia bourdieusiana se apresenta como uma lente pautada no rigor científico e epistêmico, a qual, por abordar a relação entre objetivismo e subjetivismo, foi utilizada como apoio para este ensaio teórico (BIGO, 2011). As pesquisas de Pierre Bourdieu são pautadas em atributos relacionais, reflexivos, pragmáticos e praxiológicos, por meio dos quais identifica-se que o foco está na

[...] posição social e estrutura do campo em relação aos objetos de reivindicações de conhecimento de forma estudo. O objetivo é descobrir não preconceitos do pesquisador individual, mas o inconsciente coletivo científico incorporado em práticas intelectuais por relações objetivando do campo (MATON, 2003, p. 57-58).

As enunciações em torno de alguns pressupostos do tema “Lugar de Fala” podem gerar certos conflitos de entendimento e ainda inquietações a partir de uma leitura sociológica de Pierre Bourdieu. Com essas ponderações, este ensaio teórico busca responder o seguinte problema: “Como a sociologia bourdieusiana (des)constrói o conceito de lugar?”.

### 3. TEORIZAÇÃO

As reflexões a respeito dos discursos provenientes na sociedade têm sido motivo de muitos dos debates presentes em diversos campos. Djamila Ribeiro (2017) trata em sua obra o discurso a partir da ideia de “lugar de fala”. Esse termo consiste em autorizar aqueles que possuem demarcações de vozes em temas específicos, a participarem de discussões sobre estes assuntos. A posição em torno do “lugar de fala” tem um enfoque em tópicos relacionados ao racismo, à homossexualidade, ao feminismo e outros movimentos sociais de grupos de minoria (RIBEIRO, 2017).

A base de apoio da criação do livro de Ribeiro (2017) conta com uma pluralidade de pensadores e indivíduos engajados em lutas sociais de apoio a minorias. O “lugar de fala” é muitas das vezes entendido como um movimento positivo de seleção, inclusão e exclusão, no qual os portadores desse discurso declamam uma “verdade absoluta”. O conceito explanado por Ribeiro (2017) busca uma reivindicação de diferentes pontos de análise e questiona quem pode falar determinado assunto ou tema. Este pensamento compreende que todas as pessoas possuem lugares de fala, de acordo com a sua respectiva localização social. Para compreender sobre o *locus* social, Djamila Ribeiro (2017, p. 48) enuncia que

numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experienciar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experienciar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos.

É considerado que um assunto específico deve ser tratado pelo grupo que está mais íntimo a ele, e ser de um determinado grupo é um marcador de origem, seja pela cor da pele, sexualidade ou gênero. Esse marcador pode ser visto ou expressado pelo discurso ou identidade. O pensamento está ligado ao que determinado indivíduo compartilha desta essência particular, sendo ele o possuidor de uma autoridade discursiva e de uma verdade relativa. Para conseguir ser um narrador “legítimo” dentro dessa noção de lugar de fala, é necessário que a vida particular esteja de acordo com uma vivência coletiva (RIBEIRO, 2017).

As discussões sobre ontologia, epistemologia e metodologia são pressupostos fundamentais para a validação da construção do conhecimento, isto é, a forma que o pesquisador deve conduzir seus estudos. As orientações utilizadas para conduzir a pesquisa e para determinar se as afirmações sobre os fenômenos do mundo devem ser consideradas

verdadeiras ou não, são dilemas essenciais para a legitimidade dos estudos organizacionais (MCKELVEY, 2003).

Os debates sobre as complexidades entre os homens, as sociedades e as organizações, podem ser verificados predominantemente nas teorias organizacionais, assim como as iniciativas de compreensão das relações entre estrutura, agência e recursos. Alguns teóricos exploram as estruturas como uma força dominante no espaço social, e outros já consideram o poder de agência como o dominante nesta relação (EMIRBAYER; MISCHÉ, 1998).

A relação entre estrutura e agência explanada por Bourdieu busca com sua sociologia o entendimento no espaço intermediário das relações entre o objetivo e o subjetivo. Apesar do sociólogo não se rotular dentro de uma epistemologia, classificou sua obra ora como construtivista-estruturalista e ora estruturalista-construtivista. O estruturalismo entende que no mundo social existem estruturas objetivas independentes da consciência e da decisão dos agentes. O construtivismo considera a existência de uma construção social de esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos de *habitus* (BOURDIEU, 2004b).

O conceito de *habitus* estabelece a ligação entre a sociedade e o indivíduo, onde estão fundidas as condições objetivas e subjetivas. Pode-se dizer que o *habitus* é um sistema de disposições socialmente construídas, uma estrutura incorporada que representa o que cada indivíduo traz em si. O *habitus* interfere nas práticas individuais e coletivas, portanto, faz parte do campo e está na realidade, ou seja, é a própria construção da realidade (BOURDIEU, 2004b). Nas palavras do sociólogo, o *habitus* pode ser entendido como

[...] sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins [...] (BOURDIEU, 2009, p. 87).

Bourdieu (2012, p. 82) apresenta a história como elemento configurado por duas vias distintas: a via formal, objetivada e via informal, incorporada. A primeira, que é contada por aqueles que superaram o conflito e estabeleceram sua dominação, é denominada de história reificada, “[...] história que se acumulou ao longo do tempo nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, teorias, costumes, direitos, etc. [...]”. Outra perspectiva é a história em termos da incorporação pelos homens, por meio de suas ações, experiências, vivências e relações, denominada história incorporada (BOURDIEU, 2012).

É importante ressaltar que Bourdieu (2004b) desenvolve uma análise microsociológica, centrada nas relações que acontecem entre o texto e o contexto, ou seja, aquilo que se vive e aquilo que se vê, e o espaço que se constrói as relações, o microcosmo, o qual foi

denominado como campo. É necessário analisar um campo para entender os outros, mas não obrigatoriamente o que acontece em um campo, acontece em outros, pois cada campo tem suas particularidades. O campo pode ser definido como “[...] uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições, assim os campos são relacionais e dinâmicos, também são vistos como um jogo, associados à ideia de poder e dominação” (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, p. 114).

Como um espaço de forças potenciais e ativas, o campo também é um campo de lutas que visa preservar ou transformar a configuração dessas forças. Além disso, o campo como estrutura de relações objetivas entre posições de força fortalece e orienta as estratégias pelas quais os ocupantes dessas posições buscam, individual ou coletivamente, salvaguardar ou melhorar sua posição e impor o princípio da hierarquização mais favorável aos seus próprios produtos (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, p. 101).

Dessa forma, pode-se dizer que o campo é um espaço hierarquizado, por meio de relações de dominação, onde dominantes e dominados representam forças nas disputas por poder e interesses, com a movimentação de capitais, os quais são objetos de interesse que permeiam o campo. É nesse recorte do espaço social que se deve compreender as relações que nele ocorrem (BOURDIEU, 2012). O campo é um jogo dinâmico, de lutas pelos capitais valorizados pelos demais agentes e estruturas, na busca por poder. Os agentes são detentores de diferentes espécies de capital, dessa forma, aquele que é detentor de maior volume perante os outros, adquire poder e influência, configurando assim o papel de dominante e aqueles que não o detém, como dominados. Em todas as relações há dominantes e dominados, estas posições se reconfiguram conforme o campo de estudo (BOURDIEU, 2004b).

As relações se configuram por meio da movimentação de objetos de interesse, conforme a sociologia bourdieusiana, denominados capitais. Os capitais são entendidos como diferentes espécies de recursos, conversíveis uns nos outros a partir de diferentes taxas de troca, sendo cada um deles movimentados em campos e em tempos específicos (BOURDIEU, 2004b). São poderes sociais fundamentais para as configurações das relações, os capitais podem ser o econômico, social, cultural e o simbólico. Dentre espécies de capitais, o sociólogo destaca o capital simbólico, partindo da noção do poder simbólico, descrito como “[...] esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2012, p. 7). Em suma, o capital simbólico se apresenta como uma forma transfigurada e legitimada das outras formas de poder.

A partir do entendimento do poder simbólico, apreende-se que a violência simbólica é sustentada por instrumentos de imposição ou legitimação que asseguram a dominação de uma classe sobre a outra. Este exercício consolida as relações de força que fundamentam e contribuem para a domesticação dos dominados, agindo de forma imperceptível (BOURDIEU, 2012). A violência simbólica pode ser entendida como “[...] todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas” (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, p. 19).

O discurso pode ser compreendido como um dos mecanismos de dominação de um grupo social, realizado por meio da linguagem, sendo reconhecido como convincente e legítimo. Este pode ser proclamado tanto por agentes quanto por estruturas, que visam legitimação dos interesses envolvidos. Portanto, aquele que é detentor de um discurso dominante será portador de um discurso arbitrário, que reproduz e busca interesses de dominação. Dessa forma, cria-se assim um grupo social reprodutor de um mesmo discurso, contribuindo para manutenção e legitimação no campo. Em outras palavras, o detentor do discurso possui um poder simbólico capaz de impor significações legítimas (BOURDIEU; WACQUANT, 1992).

Essa imposição atribuída pelos dominantes traz uma imposição simbólica, conhecida também por *doxa*, que seria uma ideia naturalizada ou compartilhada de uma ideologia não questionada, não sendo racional (BOURDIEU, 2009). O discurso como fonte de poder, transmitido por meio da linguagem, impacta nas relações e por meio destas é que se configura um jogo, no qual indivíduos utilizam-se de estratégias a fim de angariar recursos.

A sociologia bourdieusiana é um tanto quanto questionadora e reflexiva. O próprio sociólogo afirma que não está em busca de discursos simples e claros, pois há uma perigosa estratégia em abandonar o rigor técnico em favor de um estilo “fácil”. A falsa clareza é um discurso proclamado por aqueles que acham que tudo é óbvio, e é pronunciado em nome do bom senso (BOURDIEU, 2004b). Os objetos são sobrecarregados de emoções, de interesses e “(...) os discursos mais claros, isto é, os mais simples, são certamente os que têm as maiores chances de ser mal compreendidos, porque funcionam como testes projetivos onde cada um leva seus preconceitos, suas pré-noções, seus fantasmas” (BOURDIEU, 2004b, p. 69-70). Assim, este ensaio utiliza-se da sociologia bourdieusiana como apoio teórico e base argumentativa para as proposições desenvolvidas em torno do pensamento de “lugar de fala”.

## 4. PROPOSIÇÕES

### 4.1 A validação científica dos pressupostos do “lugar de fala” por um olhar bourdieusiano

Há uma militância presente nos espaços sociais, que disputam as narrativas, a fim de eclodir uma verdade, ou seja, falas que buscam se fazer legítimas. É contestada a existência de barreiras que impedem essas vozes de se pronunciarem e um desses obstáculos está nos princípios norteadores de uma pesquisa científica, mais especificamente, na epistemologia, vista como parte de um discurso hegemônico (RIBEIRO, 2017). Há discussões sobre a superioridade e validade dessa posição. Bourdieu (2004b, p. 115) problematiza o vínculo entre a experiência e o papel do pesquisador, “a partir do momento em que observamos o mundo social, introduzimos em nossa percepção um viés que se deve ao fato de que, para falar do mundo social, para estudá-lo a fim de falar sobre ele, etc., é preciso se retirar dele”.

O papel do sociólogo consiste em contestar a validade de uma ciência que só é aprovada na medida em que ela se representa com o senso comum. Para Bourdieu (2004a), o sociólogo deve sempre retomar a análise do próprio método, isto é, uma vigilância epistêmica da pesquisa, que retoma constantemente os pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos para reafirmar as condições de credibilidade da pesquisa.

Não se pode sobreviver, no sentido literal, em tal situação [...], a menos que se exerça uma reflexividade prática permanente que é indispensável, em condições de extrema urgência e risco, para interpretar e avaliar a situação instantaneamente e mobilizar, mais ou menos conscientemente, o conhecimento e know-how adquiridos nos primeiros tempos, experiência social. A vigilância crítica que envolvi em minhas obras posteriores sem dúvida encontra sua base nessas primeiras experiências de pesquisa em situações em que nada é sempre evidente e tudo é constantemente questionado (BOURDIEU, 2004a, p. 426-427).

Assim, o fato de a pessoa ter vivido determinada experiência faz com que a pesquisa seja “contaminada” por sensações, repletas de passionalidades que não seguirá um método rigoroso e científico. Ribeiro (2017, p. 77) enuncia que não há uma epistemologia determinada sobre o termo “lugar de fala”, sendo que sua origem é imprecisa e parte de discussões relacionadas aos movimentos sociais, “as reflexões e trabalhos gerados nessas perspectivas, conseqüentemente, foram moldados no seio dos movimentos sociais, muito marcadamente no debate virtual, como forma de ferramenta política e com o intuito de se colocar contra uma autorização discursiva.”.

Logo, não há uma logicidade presente nos âmbitos ontológicos, epistemológicos e metodológicos, os quais são pilares para uma argumentação científica baseadas em contribuições bourdieusianas. É possível correlacionar os pressupostos do “lugar de fala” como um jogo social, conforme o pensamento de Bourdieu, logo os detentores deste discurso acumulam vantagens em seu campo para perpetuação da sua posição social e ainda de seu discurso social.

O corte epistemológico, nesse caso, passa por um corte social, que supõe ele próprio uma objetivação (dolorosa) dos vínculos e das vinculações. A sociologia dos sociólogos não se inspira numa intenção polêmica, ou jurídica; ela visa somente tornar visíveis alguns dos mais poderosos obstáculos sociais à produção científica. Recusar a objetivação das adesões, e a dolorosa amputação que ela implica, significa condenar-se a jogar o jogo duplo social e psicologicamente vantajoso que permite acumular as vantagens da cientificidade (BOURDIEU, 2004b, p. 112).

Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2010, p. 27) colocam o senso comum como sociologia espontânea, não é por meio dela que se constrói conhecimento de determinado fenômeno, mas sim daquilo que pode ser constatado a partir de um questionamento perante o que é dito como verdade, sendo “[...] na sociologia espontânea por sujeitos preocupados em defender a verdade vivida de sua experiência da ação social”. Assim, aqueles que ocupam “lugar de fala” visam legitimar um discurso, que aparentemente deseja ser reconhecido como verdade e assim, possuir validação científica, mas que na realidade não passa de senso comum.

Faz-se necessário questionar não somente a verdade naturalizada em si, mas também conhecer seu processo de construção, fruto de uma jornada extensa de significação e ressignificação socialmente compartilhada. A noção de sociologia histórica substitui as divisões entre o indivíduo e sociedade ou entre o subjetivismo e objetivismo, é a compreensão de uma “história dupla” que compreende um componente incorporado e um estruturado. Siemon (1997, p. 220) ao referir-se a Bourdieu afirma que o sociólogo argumenta “a existência humana deve ser entendida em termos de uma “cumplicidade ontológica” entre disposições duradouras, incorporadas, pré-reflexivas, socialmente produzidas em comportamento e percepção e a história objetivada de instituições”.

O campo científico como um jogo no qual necessita de razão e instrumentos particularmente eficazes para garantir uma prática sociológica válida, ou seja, para ganhar legitimidade (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON; 2010). Tendo em vista as reflexões explanadas, questiona-se validade da cientificidade dos pressupostos do “lugar de fala”. A reivindicação de uma validação científica do conceito de “Lugar de Fala” construído

por Djamila Ribeiro carece de uma sustentação epistemológica e de rigor metodológico necessário para a condução da pesquisa.

## 4.2 Etnografia, campo e lugar de fala.

A localização social é o ponto central da discussão sobre a detenção de fala, pois assim, acredita-se que é possível realizar um debate e reflexão crítica sobre os mais variados assuntos presentes na sociedade. Segundo Ribeiro (2017, p. 121-122), “o fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados”.

Logo, é defendido que todas as pessoas possuem lugares de fala, contudo que tenham uma consciência discursiva sobre esse lugar. Realizando uma aproximação com as elucidaciones de Bourdieu, os direcionamentos de suas análises não são sobre grupos em si, mas para o campo. O sociólogo que ocupa uma posição neste campo, querendo ou não, não está fora do jogo, “o ponto aqui é que os sociólogos não podem sair desse jogo. Mas tampouco devem permitir-se participar nela de maneira a mistificar sua relação com o campo ou com os outros.” (BARNARD, 1990, p. 80). O campo é “[...] um universo em que as características dos produtores são definidas por sua posição nas relações de produção, pelo lugar que ocupam em certo espaço de relações objetivas.” (BARNARD, 1990, p. 78). O desejo é fornecer uma análise que difere da percepção cega dos integrantes deste campo, sem se tornar um pesquisador imparcial.

A etnografia de Bourdieu compreende uma realidade social, conquistando um espaço para acessar determinado fato, e assim construir sua análise. Sendo assim, é discutido sobre a importância da aproximação do pesquisador com o campo, contudo de maneira controlada e reflexiva,

[...] o sociólogo estabelece uma relação com o objeto que, enquanto relação social, nunca é puro conhecimento, os dados apresentam-se-lhe como configurações vivas, singulares e, em poucas palavras, humanas demais, que tendem a se impor como estruturas do objeto (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2010, p. 23-24).

O trabalho em campo do pesquisador institui um impulso em alcançar fontes sociais e pessoais ocultas, contribuindo para a sociedade, principalmente para as lutas sociais e conflitos

morais. A sociologia bourdieusiana parte de análises de campos específicos e investiga as relações que se encontram em determinado campo. Cada agente está posicionado dentro de um campo, e esta posição irá determinar seu ponto de vista das atividades destes e de outros campos (MATON, 2003).

Estabelecendo uma relação com o pensamento do “lugar de fala”, Ribeiro (2017, p. 82) traz que “uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experienciar gênero de uma outra forma”. Ou seja, certos grupos ocupam localizações sociais que permitem uma experiência e condições que permitem determinada vivência. O foco da análise de Ribeiro (2017, p. 93) é “[...] tentar entender as condições sociais que constituem o grupo da qual fulana faz parte e quais são as experiências que essa pessoa compartilha ainda como grupo.” Essa marcação se faz necessária para compreender as diferentes realidades presentes na sociedade, que muitas das vezes foram ocultadas por uma dominação estrutural.

Os pensamentos de Djamila Ribeiro procuram debater a diversidade de experiências e por conseguinte, quebrar uma visão universal, isto é, as generalizações estruturais atribuídas para toda a sociedade. Como já foi visto, a sociologia bourdieusiana analisa os recortes da sociedade, ou seja, uma microsociologia que busca compreender as particularidades de determinado campo. Assim, Bourdieu (2004b, p. 157) reconhece que

A sociologia deve incluir uma sociologia da percepção do mundo social, isto é, uma sociologia da construção das visões de mundo, que também contribuem para a construção desse mundo. Porém, dado que nós construímos o espaço social, sabemos que esses pontos de vista são, como a própria palavra diz, visões tomadas a partir de um ponto, isto é, a partir de uma determinada posição no espaço social. E sabemos também que haverá pontos de vista diferentes, e mesmo antagônicos, já que os pontos de vista dependem do ponto a partir do qual são tomados, já que a visão que cada agente tem do espaço depende de sua posição nesse espaço.

É possível compreender uma certa aproximação nos pensamentos de Bourdieu e Ribeiro, com o fato de que a perspectiva de determinado indivíduo será moldada e tomada de acordo com a sua posição na localização do espaço social. Para que o pesquisador possa pesquisar determinada realidade, é necessário ir a campo e enxergar as diferentes hierarquias produzidas a partir desse lugar e como estas impactam na construção da posição social subalterna. Cada indivíduo, a partir do campo que ele vive ou da posição social que ocupa, irá compreender e analisar a realidade recebendo influências dos mesmos.

### 4.3 Relação entre a autorização discursiva do “Lugar de Fala” e o discurso alodóxico de Bourdieu.

No campo acadêmico há uma disputa de narrativas com o intuito de legitimar e prevalecer um discurso (MCKELVEY, 2003). No espaço em que há essa disputa, há barreiras institucionais que impedem o acesso de vozes dissonantes, a fim de garantir a posição legitimada do dominante, isto é, um controle e manutenção do poder. Ribeiro (2017) argumenta que a expressão não é um direito garantido a todos e todas, expondo a necessidade de romper com o monopólio discursivo e de denunciar o silenciamento de determinados grupos, ou seja, dismantelar uma hierarquia estrutural detentora do discurso.

O discurso, na visão de Djamila Ribeiro deve ser pensado como “[...] um sistema que estrutura determinado imaginário social, pois estaremos falando de poder e controle.” (2017, p. 73). Nesse sentido, o pensamento é que não é possível determinado indivíduo impor um discurso que seja universal e generalizado para todas as classes e grupos a respeito de um assunto, “ao persistirem na ideia de que são universais e falam por todos, insistem em falarem pelos outros, quando, na verdade, estão falando de si ao se julgarem universais.” (RIBEIRO, 2017, p. 39). Bourdieu analisa a dimensão do poder discursivo nas relações sociais,

O poder é discursivo na medida em que ele está “escrito em” significação e percepção, e essa significação e percepção cria ou molda certos tipos de assuntos, reforça determinados pressupostos hegemônicos, e/ou naturaliza um determinado conjunto de objetos sociais ou modalidade de relações sociais (REED, 2013, p. 203).

As estruturas dominantes presentes nas relações sociais fazem com que existam posições favorecidas e desfavorecidas ocupadas pelos indivíduos. Para superar os efeitos dessa dominação é necessário

[...] desenvolver uma " objetivação da objetivação " para ser politicamente reflexivo sobre essa dominação. Isto é necessário, primeiro, em relação as condições da possibilidade do discurso, e segundo, em relação à capacidade reflexiva dos agentes sociais em relação à dificuldade de escapar suas próprias condições quando estão envolvidos em um campo no qual tenham está em jogo (BIGO, 2011, p. 231).

Esse poder discursivo pode ser capaz de gerar uma *doxa*, isto é, uma ideia compartilhada e naturalizada imposta pelos dominantes instituindo um sentimento indiscutível coletivo (BOURDIEU, 2012). A *doxa* pode ser compreendida como

[...] uma aceitação incontestável do mundo da vida cotidiana, não simplesmente estabelecer que ela não é universalmente válida para todos os sujeitos que percebem e agem, mas também descobrir que, quando se realiza em certas posições sociais entre

os dominados em particular, representa a forma mais radical de aceitação do mundo, a forma mais absoluta de conservadorismo (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, p. 73).

A *doxa* pode assumir uma forma de um discurso ideológico, uma opinião naturalizada e reproduzida pelo “povo”, Bourdieu (2008, p. 122) expõe que no “campo político dissimula a oposição entre o conjunto das teses políticas (ortodoxas ou heterodoxas), ou seja, o universo daquilo que pode ser aí enunciado politicamente [...] estando relegado ao estado de *doxa*, acaba sendo admitido sem discussão nem exame [...]”. Assim, os efeitos dos discursos proferidos por aqueles que dominam podem ser compreendidos pelos dominados como uma *alodoxia*, isto é, um

[...] erro de percepção e sobretudo de expressão, ou então, se a propensão a se reconhecer nos diferentes discursos e classificações propostos fosse igualmente provável para todos os agentes, quaisquer que fossem tanto sua posição no espaço social (e suas disposições) como a estrutura desse espaço, a forma das distribuições e a natureza das divisões segundo as quais tal espaço realmente se organiza (BOURDIEU, 2008, p. 122).

Muito do que se tem proclamado hoje, é uma incoerência com o propósito discutido pela autora, estabelecendo uma relação com o entendimento de *alodoxia* de Bourdieu (2008), isto é, um discurso sem embasamento. Os debates presentes na realidade, principalmente no mundo virtual que estão se apropriando dos pensamentos da autora, levantam a bandeira do lugar de fala, fazendo o uso de argumento de maneira distorcida. Tendo em vista que, restringem a possibilidade de determinados grupos ou indivíduos debater sobre determinados assuntos que não se fazem presentes em seu contexto ou convívio social. Pierre Bourdieu era considerado um sociólogo político, que buscava compreender as práticas de determinado campo, bem como os mecanismos de produção e reprodução de dominação e poder.

Como sociólogo da dominação, ele desconfia de qualquer estratégia de monopolizar um discurso legítimo, sobre qualquer tentativa dos intelectuais de usurpar a autoridade de declarar o significado de sociedade, estado ou sistemas interestaduais, em vez de olhar para a homologação de tomada de posição e posições objetivas que explicam como as opiniões e até o conhecimento é formado (BIGO, 2011, p. 234).

Em seu livro, Ribeiro (2017) defende a ideia de que todos possuem lugares de fala e a importância de todos debaterem sobre temas relacionados a desigualdade social no país. Por exemplo, a mulher branca pode pensar criticamente a partir da sua posição em relação a um contexto de uma mulher negra. A autora enfatiza a importância de os dominantes reconhecerem os privilégios advindos da sua localização social e o desenvolver de um olhar crítico para

determinadas situações em que a desigualdade se faz presente. Há um paradoxo entre proporcionar o direito de dar voz para determinados grupos e o silenciar de outros. Portanto, há uma dissonância no discurso proferido por aqueles que defendem esse pensamento, de um lado a monopolização, os marcadores e a concessão de um lugar de fala e, de outro, o empoderamento de todas as vozes.

#### **4.4 Entre o que falar quer dizer e o lugar de fala**

“Falou, falou e não disse nada”, é um dos ditos populares que se faz presente no cotidiano dos brasileiros. O ato da fala representa muito mais do que a expressão de palavras, sendo que aquele que se situa à margem da interpretação da fala de cada indivíduo deve ter a compreensão de que, “cada palavra, cada locução ameaça assumir dois sentidos antagônicos conforme a maneira que o emissor e o receptor tiverem de interpretá-la.” (BOURDIEU, 2008, p. 27). A ideia de falar e dizer, não pode ser compreendida da mesma maneira, o falar trata-se da enunciação de palavras, ou seja, a objetividade. O dizer vai muito além do que isso, existe todo um conjunto de aspectos subjetivos que vão influenciar nas relações sociais. As relações sociais podem ser consideradas trocas simbólicas, que por meio das relações de comunicações podem ser convertidas em relações de dominação. Estas são sustentadas por meio da fala e do dizer, podendo ser configuradas em representações e formas de discursos alinhados a interesses de permanecimento e legitimação no campo (BOURDIEU, 2008).

Pode-se estabelecer uma relação com a ideia de “lugar de fala” explanada nos centros das discussões dos movimentos sociais que buscam pela militância a disseminação de um discurso daqueles que podem falar ou não. “Todo agente social aspira, na medida de seus meios, a este poder de nomear e de constituir o mundo nomeando-o [...]” (BOURDIEU, 2008, p. 81). Esses agentes proclamam um discurso arbitrário, ou seja, vai muito além do que proclamar uma fala, e sim estão embutidos dizeres cobertos de interesses, a fim de legitimar sua posição social em se tornar uma autoridade discursiva em determinado campo. Para uma quebra de imposição e delimitação de quem pode falar e a compreensão do que está por trás da fala, deve-se compreender que “[...] os enfrentamentos de visões e de previsões da luta propriamente política, encerram uma certa pretensão à autoridade simbólica enquanto poder socialmente reconhecido de impor uma certa visão do mundo social, ou seja, das divisões do mundo social” (BOURDIEU, 2008, p. 82).

Bourdieu (2008) rompe com a ingenuidade de que discursos são apenas falas propriamente ditas, sem nenhuma pretensão ou duplo sentido, mas evidencia que os discursos são falas a serem decifradas que reúnem aspectos concretos, performáticos, expressões e noções simbólicas. As relações sociais, em especial as de comunicação, configuraram-se no conhecimento e reconhecimento de um discurso. Sendo este, um meio pelo qual consegue objetivar uma subjetividade, em que raramente a linguagem funciona como um puro instrumento de comunicação. Para acessar o que se “esconde” em um discurso, “não se pode especialmente compreender os efeitos simbólicos da linguagem sem levar em conta o fato, mil vezes atestado, de que a linguagem é o primeiro mecanismo formal cujas capacidades geradoras são ilimitadas. Não há nada que não se possa dizer, e pode-se dizer o nada” (BOURDIEU, 2008, p. 28).

Sendo assim, é por meio do falar e dizer é possível converter um produto manifestado no discurso em aquilo que se pretendeu converter. O falar é aquilo essencialmente externalizado, o dizer é muito mais complexo (BOURDIEU, 2008). Ribeiro (2017, p. 73) enuncia que na militância há uma censura e demarcações que dão direito ou não a determinadas pessoas participarem de debates na promoção de assuntos sociais, “não se trata aqui de diminuir a militância feita no mundo virtual, ao contrário, mas de ilustrar o quanto, muitas vezes, há um esvaziamento de conceitos importantes por conta dessa urgência que as redes geram.”

Bourdieu (2008, p. 133) vê que as censuras mais eficazes proferidas em discursos, de forma visível e invisível, “[...] consistem em excluir certos agentes da comunicação, excluindo-os dos grupos que falam ou das posições de onde se fala com autoridade”. Dessa forma, o pensamento em torno do “lugar de fala”, é confuso e ambíguo, muito do que se “fala” a seu respeito é dissonante com aquilo que se realmente pretende dizer. Cabe aqui um exemplo recorrente no que refere a propagação desse pensamento, sendo disseminada a seguinte frase: “você não está em seu lugar de fala”. Estes agentes que reproduzem um discurso lutam “[...] para a imposição da visão legítima, [...] os agentes detêm um poder proporcional a seu capital simbólico, ou seja, ao reconhecimento que recebem de um grupo” (BOURDIEU, 2008, p. 133). A partir do que foi exposto, propôs-se uma relação entre o pensamento de Bourdieu e Ribeiro no que se diz respeito a fala.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de analisar, a partir da sociologia bourdieusiana, (des)construções referentes ao conceito de lugar de fala, neste ensaio teórico foram desenvolvidas quatro proposições com o intuito de enriquecer o conhecimento e as relações entre os assuntos explanados. O propósito não foi apresentar conclusões afirmativas ou demarcar um pensamento definitivo, mas desenvolver questionamentos e reflexões.

As proposições buscaram compreender pontos de aproximação, distanciamento e uma possível semelhança de pensamentos entre “lugar de fala” e a sociologia bourdieusiana. Cabe ressaltar a importância para o campo acadêmico, uma vez que, estas reflexões podem contribuir o direcionamento para futuras pesquisas que possam não abordar discursos dominantes, mas sim, discursos silenciados por estruturas ideológicas, ou seja, pesquisas que busquem questionar a realidade a partir da história reificada em contraponto com a história incorporada (BOURDIEU, 2012).

Os questionamentos e inquietações devem estar presentes nas mentes dos pesquisadores, gestores e indivíduos, para que não caem em contentamento com os dilemas e crises na realidade social. “O sociólogo que não submete suas próprias interrogações à interrogação sociológica não estaria em condições de fazer uma análise sociológica verdadeiramente neutra das respostas que elas suscitam” (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2010, p. 55).

Ademais, buscou-se adentrar em reflexões e implicações de pertencer em determinados grupos/campos e as barreiras que os dominam, isto é, geradoras e demarcadoras da desigualdade. O pensamento central é para a criação de um espaço de reflexões críticas que tragam propostas para dialogar com a sociedade, ouvir os que as pessoas têm a dizer e assim contribuir para um ambiente de pluralidade de vozes, onde todos e todas possam se expressar.

## REFERÊNCIAS

BARNARD, H. Bourdieu and ethnography: Reflexivity, politics and praxis. In: *An introduction to the work of Pierre Bourdieu*. London: Palgrave Macmillan, p. 58-85, 1990.

BIGO, D. “Pierre Bourdieu and international relations: Power of practices, practices of power”. *International Political Sociology*, v. 5, n. 3, p. 225-258, 2011.

BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer*. 2ª edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

- BOURDIEU, P. “Algerian landing”. *Ethnography*, v. 5, n. 4, p. 415-443, 2004a.
- BOURDIEU, P. *Coisas Ditas*. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. 1º reimpressão da 1ª edição de 1990, São Paulo: Brasiliense, 2004b.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, P. *O Senso Prático*. Tradução de Maria Ferreira. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J-C.; PASSERON, J-C. *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. *An Invitation to Reflexive Sociology*. Chicago: Polity Press, 1992.
- EMIRBAYER, M.; MISCHE, A. “What is agency?”. *American Journal of Sociology* v. 103, n. 4, p. 962-1023, 1998.
- MATON, K. “Reflexivity, relationism, & research: Pierre Bourdieu and the epistemic conditions of social scientific knowledge”. *Space and culture* v. 6, n. 1, p. 52-65, 2003.
- MCKELVEY, B. From fields to science: can organization studies make the transition?. In: WESTWOOD, R.; CLEGG, S. (Ed.). *Debating organization: point-counterpoint in organization studies*. Oxford: Blackwell Publishing, p. 47-73, 2003.
- REED, I. A. “Power: Relational, discursive, and performative dimensions”. *Sociological Theory*, v. 31, n. 3, p. 193-218, 2013.
- RIBEIRO, D. *O que é: lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SIEMON, J. R. “Sign, cause, or general habit? Toward a “historicist ontology” of character on the early modern stage”. *The European Legacy* v. 2, n. 2, p. 217-222, 1997.
- WESTWOOD, R.; CLEGG, Stewart. “The discourse of organization studies: dissensus, politics, and paradigms”. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Debating organization: point-counterpoint in organization studies*. Oxford, Blackwell Publishing, p. 1-42, 2003.
- WRY, T; COBB, J. A.; ALDRICH, H. E. “More than a metaphor: assessing the historical legacy of resource dependence and its contemporary promise as a Theory of environmental complexity”. *Academy of Management Annals* v. 7, n. 1, p. 441-488, 2013.